

REVISTA DE PORTUGAL

N.º 10

SUMÁRIO

CAMILO PESSANHA, VIOLA CHINESA, PROVÉRBIOS CHINESES, SONETOS, E CARTA A ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO. RETRATO DE NGAN-YENG. RAINER MARIA RILKE, CINCO CANÇÕES (AGOSTO DE 1914). PAULO QUINTELA, RAINER MARIA RILKE E A GUERRA. JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS, LÉA. DELFIM SANTOS, SISTEMA E MÉTODO. VITORINO NEMÉSIO, EU, COMOVIDO A OESTE. MARIA ARCHER, DUAS RAPOSAS «ARGENTÉES».

CRÍTICA: POESIA (ALBERTO DE SERPA, FAUSTO JOSÉ, FRANCISCO BUGALHO E OUTROS POETAS). ROMANCE E AFINS (JOÃO GASPAR SIMÕES, MIGUEL TORGA E OUTROS). ENSAIO. LITERATURA BRASILEIRA (CECÍLIA MEIRELES, ETC.). PAULO QUINTELA, LITERATURA INGLÊSA (HUXLEY E OUTROS).

JORNAL: Redacção. MIGUEL TORGA, UMAS PÁGINAS DE DIÁRIO.

L I S B O A · 1940 · N O V E M B R O

SISTEMA E MÉTODO

O mal estar que se revela presentemente no pensamento contemporâneo, e que muitas vezes se tem revelado em outras épocas, tem uma possível explicação no desencontro, na opposição dos pontos de vista que servem de fundamento e apoio a todo o trabalho de reflexão. Pode dizer-se que tudo o que hoje é afirmado, é também hoje mesmo negado; como doutras épocas se pode dizer que nada se afirmou que não fôsse também negado e a recíproca é igualmente verdadeira. Se nos animam interesses de ordem prática, de natureza ética ou pedagógica, a contemplação dêste estado de coisas desorienta, ou obriga a um cepticismo radical, ou a um pessimismo da inação. E dizemos cepticismo radical e pessimismo da inação porque tanto pessimismo como cepticismo são valores positivos.

Em face dêste estado de coisas é fácil chegar à convicção de que só a ciência salvará, porque só a ciência sabe prosseguir, sem hesitações, o caminho que planeou e ao mesmo tempo vai abrindo. Tôdas as outras actividades da razão têm um fundamento de « crença » que não se basta a si próprio e que, em frente da insegurança das coisas, estabiliza, sem o saber, a insegurança em certeza. Esta « crença » na ciência não é de natureza diferente de qualquer outra « crença », e poderemos aqui dispensar a demonstração de que tudo que não necessita de « crença » repousa em princípio na « crença » da sua independência. Aqui, como sempre, trata-se dêsse expansivismo exclusivista que a todo o momento domina o ser particular, que se não resigna à particularidade e em si e em tudo pretende afirmar a universalidade; tôdas as dificuldades provêm do desejo de unidade, ou da ânsia de explicação unitária, que estranhamente domina o homem. E em parte a especulação filosófica, com raras excepções, tem consis-

tido nisto : buscar identificações parciais ou em si mesmo ou no exterior, mas sempre com a firme convicção, à Laplace, de que tudo é um, de que tudo é idêntico, de que ele mesmo é a si e a tudo idêntico.

Mas será este o único caminho possível ? Ou será a sua escolha ainda motivada pela necessidade de « único » que domina o homem ? Cremos que é esta última a hipótese verdadeira. Algumas vezes afirma-se também que nada é único, que nada é idêntico, que nada é igual, mas quâsi sempre procura-se a prova disso na disparidade das « opiniões », o que, em si, vale tanto como a anterior igualdade. E então iremos até ao relativismo de tôdas as coisas, porque a diferenciação, a desigualdade e a heterogeneidade não são interpretadas « relativamente a » mas consideradas a essência das próprias coisas. O relativismo é um princípio crítico que empresta a si mesmo o erro que pretende excluir. Relativistas são quâsi tôdas as formas que nos legou a filosofia moderna com a acentuação do valor fundamental do método. E quando, conscientes disto, os filósofos de certas épocas atacaram o metodologismo, fizeram-no para apresentar um novo método. Porém, a *filosofia é anti-metodologismo*. Ainda recentemente (e como estudante universitário ouvimos muitas vezes o eco dessa crítica) se contrariava todo o sistematismo na filosofia, porque o pensamento sistemático era a causa de toda a desorientação patente na especulação do nosso tempo. A filosofia como sistema opunha-se a filosofia como método, porque só assim se evitaria o perigo de pretender modelar a realidade por uma ideia, ou conjunto de ideias, como sempre o faziam os sistematistas — dizia-se. O método era então considerado como garantia de liberdade, como não subordinação a qualquer apriorismo que pretendesse interpretar o real deformando-o. Porque a realidade, dizia-se também, é sempre nova e exige sempre uma nova atitude para se deixar conhecer. Parece que com esta substituição do sistematismo pelo metodologismo nada se conseguiu em relação ao programa e às esperanças nela postas. Não deixa mesmo de ser interessante notar que grande parte dos discípulos dos metodologistas erigiram finalmente o tal « método » em sistema. Exemplo disso temo-lo nós

na filosofia de Bergson, para citar um exemplo próximo e dos nossos dias. A noção central desta filosofia é a « duração concreta ». Para Bergson, a duração concreta não podia ser captada por qualquer método útil e fecundo noutras regiões da realidade, porque a « duração » diferia essencialmente de todas elas. Para atingir, pois, a sua essência *sui generis* seria necessário um novo método que lhe fôsse tão adequado como os outros métodos eram adequados às outras regiões da realidade. Esse método particular, restrito à observação da « duração concreta », foi chamado pelo filósofo: intuição. Para aqueles mesmo que, discípulos do mestre, combatiam o sistematismo, e que não podiam afinal senão pensar sistematicamente, (a força de oposição prende mais do que afasta) a intuição foi estendida como método universal e único a toda a realidade. A filosofia de Bergson passou a chamar-se filosofia da intuição ou intuicionismo. A caracterização pelo método levou assim, como neste exemplo é bem claro, à « sistematização do método », e o progresso que se julgou ter sido feito com a substituição do sistemático pelo metodológico mostrou-se nulo. Hoje a situação é outra. O metodologismo é considerado como o sistematismo da pior espécie e parece que o pensamento sistemático é, dos dois, o menor mal, se é que se não pode mesmo valorizá-lo positivamente como um grande bem.

Vejamos primeiramente o que se deve entender por « sistema ». De início, seja-nos permitido dizer que « sistema » não é só aquilo que corresponde à caracterização negativa vulgarmente traçada. Mais correctamente, poder-se-ia dizer que toda a crítica feita ao sistematismo não toca o que pertence ao sistema, mas aquilo que se refere ao « ismo » que o acompanha. Sistema é descrição da visão total do universo, não somente no sentido extensional, mas sobretudo no sentido de encadeamento, organização e subordinação esquemática dos princípios, das ideias e dos factos. Quando nos referimos ao sistema de Kant, por exemplo, ou ao sistema de Hegel, queremos sempre exprimir um conjunto de ideias a que o filósofo « submeteu » a realidade para melhor a compreender. Mas por sistema entende-se também não somente a realidade « submetida », mas ainda o caminho, em resumo, o

método ou o conjunto de métodos seguidos e postos em prática pelo filósofo. Não é possível, por exemplo, caracterizar o sistema de Kant sem acentuar o carácter transcendental do seu método, como não é possível caracterizar o sistema de Hegel sem relevar a dialéctica sintética de todo o seu pensamento. Caracterizar um sistema sem aludir ao seu método é uma impossibilidade. Como se poderia compreender a *Dialéctica transcendental* sem previamente ter compreendido a *Analítica dos princípios*? E o que seria o sistema de Hegel, relativamente à lógica analítica da contradição, se previamente não conhecêssemos o método de pensamento que o filósofo pôs em acção para « superar » os contrários ao mesmo tempo que os afirma e nega? Parece-nos que o problema central na exposição de qualquer sistema é sempre o método. A diferenciação entre método e sistema não a faz o próprio pensador, porque nenhum filósofo se dispôs « ab initio » a pensar a sua filosofia depois de ter encontrado um método. Quem encontra o método e o isola do sistema são os discípulos, que aqui, como sempre, consideram consequência o que foi antecedente e antecedente o que foi consequência, e trazem a moldura definitiva ao quadro de pensamento ainda não acabado do pensador de quem são discípulos.

Com estas considerações, quisemos marcar a interdependência do método e do sistema e ainda pôr em relêvo as dificuldades que tal separação implica, mostrando ao mesmo tempo que a exposição de qualquer sistema é o desenvolvimento central do método pôsto em acção pelo pensador, e em função do qual foram conseguidos determinados resultados. Consideradas as coisas a partir dêste ponto de vista, a distinção entre método e sistema parece ser mais uma abstracção extrapolativa a juntar às muitas outras que dominam a filosofia. Em resumo: não há método sem sistema e não pode haver sistema sem método. Qualquer acentuação disjuntiva dum dêstes momentos torna incompreensível o pensamento, que é sempre manifestação da sua união sintética. O que ficou dito exprime, pois, que a valorização do método recai muitas vezes, insensivelmente, na valorização do sistema e vice-versa. A crítica depreciativa ao pensamento sistemático afirma

que êste « subordina » a realidade em vez de se subordinar a ela, que identifica aquilo que não é idêntico, e que limita e contorna arbitrariamente a realidade para que esta caiba dentro dêle. É fácil notar que, parte desta crítica, não é proveniente já da oposição ao sistematismo, mas sim da oposição realista ao idealismo. Sistematismo tornou-se sinónimo de idealismo. Mas será assim ? Não precisaremos de dizer que o pensamento realista pode ser tão sistemático como o pensamento idealista. Pensamento é sempre « sistema », quer se desenvolva como tal, quer não. No seu aspecto histórico, porém, é aquela atitude compreensível. A posição realista, contrariando o idealismo, acentuou o valor do método e acusou o sistemático como defeito máximo do idealismo. Mas a identificação entre metodologismo e realismo de um lado, e idealismo e sistematismo de outro não resiste à crítica, e muito menos à compreensão histórica do problema : foi Descartes quem revelou na filosofia moderna o problema do método, e Descartes não foi um realista ou, pelo menos, o seu « sistema » não é tido como tal. Quere-nos parecer que a tal torção da realidade, de que se acusa o pensamento sistemático, é muito mais proveniente do método do que do sistema. E Descartes ainda pode no-lo comprovar. O sistema de Descartes, a sua visão da realidade, o seu dualismo ontológico, e o seu subjectivismo idealista são momentos fundamentais para a consciência filosófica de todos os tempos. O mesmo não sucede com o seu método, que é o momento menos importante do seu sistema, embora a história o tivesse relevado excessivamente.

Foi a « sistematização do seu método » que perturbou a sua clara visão ontológica, e foi o método que colocou em contradição insustentável o seu sistema, como também a história o demonstra com as tentativas posteriores de recondução ao unitarismo monista do sistema dual cartesiano *metodologicamente* insustentável. Malebranche, Spinoza e Berkeley mostraram quanto era insustentável um sistema *dualista* que fizera a apologia dum método *unitário*. Unitarismo metodológico e dualismo ontológico foi a forma que tomou a aporia cartesiana. Foi o método que fez a identificação do diverso admitido sistematicamente, e é o método que perturba

a visão da realidade e não o sistema. O sistema, no fundo, é a última linha de contorno que o método impeliu, conforme a sua força, para longe do ponto em que penetrou na realidade. Mas só o método permitiu que a ondulação fôsse tão longe, só o método obrigou à formação de novas linhas concêntricas que identificarão o diverso e que, aumentando em extensão, vão enfraquecendo sensivelmente em adequação à realidade. Mas esta extensão não provém propriamente do sistema mas da « sistematização do método », repetimos. Admitamos agora um sistema que tivesse abandonado o método, que não seguisse e se recusasse ao poder de identificação que todo o método traz consigo, que se recusasse a abandonar o ponto de contacto com o real que lhe deu justificação, — certamente que neste caso não haveria motivo para se acusar o pensamento sistemático de tantos malefícios. Ora, isto mesmo que acabamos de descrever foi realizado pelos grandes pensadores, quando êstes não sacrificaram ao metodologismo. É o caso de Descartes ainda, nas *Méditations Métaphysiques*. Há nesta parte da obra do filósofo um esforço centripetante — se nos é permitido empregar esta expressão — ao contrário da possibilidade centrifugante do *Discours de la Méthode*. Há nas *Meditações* uma redução da extensão, que é limitação e, portanto, aprofundamento e marca distintamente o momento sistemático do pensamento de Descartes. O pensamento dos filósofos provém sempre dum acto simples que o seu sistema procura expor e descrever. A tendência para a descoberta das analogias é dominada por um interesse de extensão que não pertence à filosofia, embora muitas vezes os filósofos lhe tenham sacrificado. O pensamento analógico — o método — é a árvore do bem e do mal na explicação unitária que leva ao pecado da identificação.

O que é importante num sistema filosófico é não perder o núcleo simples e originário, que o método desvirtuou na sua expansão assoladora e conquistadora. Como consegui-lo? No estudo dum sistema filosófico impõe-se-nos uma primeira limitação, se pretendermos compreendê-lo radicalmente: determinação precisa da região do real a que pertence o seu ponto de partida. O método leva quasi sempre o pensamento sistemático a ultra-

passar as suas fronteiras regionais, isto é, a explicar os fenómenos da consciência com o princípio que permitiu a explicação dos fenómenos da matéria, por exemplo, ou a explicar os fenómenos da personalidade, se, com tal princípio, já se conseguiu explicar os fenómenos vitais. Aqui o mal não consiste em estender a explicação até aos últimos limites da respectiva região da realidade a que o princípio diz respeito, mas sim a passar a outra região, a extrapolar e a saltar as fronteiras regionais a que pertence o fenómeno considerado. Não estaremos caindo numa contradição flagrante? O que acabamos de dizer a respeito da compreensão em filosofia não é já de si um método? E, se método se não opõe a sistema, como dissemos, qual será a visão sistemática que queremos impor com estas considerações? Se assim é, objectar-se-á, o que deixamos dito merece as mesmas críticas que aplicamos a outros métodos e sistemas. Julgamos e sabemos bem que tal crítica, ainda que com aparência de justificada, não atinge a nossa pretensão. Afirmamos necessária uma atitude de respeito ante a realidade, desvalorizamos e desapreciamos as atitudes que tudo penetram, tudo explicam e tudo resolvem.

A filosofia moderna acusou disso o pensamento sistemático e propôs, como correcção, um pensamento metodológico. O nosso ponto de vista é que a causa do vício apontado não está no pensamento sistemático, mas sim no que neste se mantém de metodológico. Todo o pensamento é sistemático e tem implícito um método. A relevância do método perturba o sistemático e desvia o pensamento dos seus limites. Com a delimitação do real, a que tantas vezes nos temos referido, queremos exprimir uma intuição simples de pluralidade na unidade, de diversidade no idêntico, de vário no constante. Não é isto também sistematismo? Certamente que sim. Mas devemos acrescentar que a visão, a compreensão e a própria vida são igualmente sistemáticas. Sem a organização esquemática da razão não nos seria possível a situação valorativa de qualquer objecto no complexo da nossa experiência; sem o sistema de compreensão que, em linguagem hegeliana, se chama « espírito objectivo » não poderíamos alinhar nestas páginas sinais transmissores de um sentido que cremos ser compreen-

sível para outros, que o refutarão ou admitirão. É este direccionismo sistemático que é fundamental na cultura e, sem êle, não nos seria possível ter dado continuidade de sentido e tirar d'êles conclusões que nos levam a fortificar não só o ponto de vista apresentado, como ainda a encontrar em tudo o que ficou dito um « tipo de pensamento », que faz parte de certa « visão sistemática » da realidade. E sem essa visão, coordenação e reflexão sistemáticas não nos teria sido possível a expressão de pensamento que ficou nestas páginas.

DELFIN SANTOS.